

**NUOVE E STRANE E MERAVIGLIOSE COSE: AS ALTERAÇÕES NAS PRÁTICAS
DE LEITURA DAS TRADUÇÕES DO *RELATIO* DE ODORICO DE PORDENONE
(1330)**

***NUOVE E STRANE E MERAVIGLIOSE COSE: CHANGES IN THE READING
PRACTICES IN THE TRANSLATIONS OF RELATIO, BY ODORIC OF
PORDENONE (1330)***

Fernando Ponzi FERRARI*

Resumo: A tradução de obras em latim para idiomas vernáculos criou a possibilidade de expandir o número de leitores e patrocinou mudanças nas formas de assimilação dos textos. Este artigo pretende investigar como essas mudanças ocorreram tomando como base o estudo do *Relatio* (1330), um texto de viagem baseado no relato oral do franciscano Odorico de Pordenone em sua jornada ao Extremo Oriente. A partir das cópias em latim e suas traduções dos séculos XIV e XV, buscamos as conclusões, conexões e opiniões dos leitores do norte da Península Itálica, Reino da França e das Ilhas Britânicas. Para tanto, avaliaremos a materialidade das fontes em seu aporte físico, paratextos, interferências escriturais, sinais de manuseio e marcas de propriedade que apontem diferenças no processo de assimilação dos livros em diferentes comunidades de leitores.

Palavras-chave: História da leitura medieval; narrativas de viagem; comunidades de leitores; paratextos; codicologia.

Abstract: The translation of Latin works to vernacular languages created the possibility to expand the readership and change in the forms of assimilation of these writings. This article intends to find out how these changes have occurred based on the case study of the *Relatio* (1330), a travel narrative of the Franciscan friar Odoric of Pordenone to the Far East. Drawing on Latin and translated copies written between the 14th and 15th centuries in the north of the Italian Peninsula, Kingdom of France and the British Isles, we seek the conclusions, connections and opinions of these readers in their reading process. To do so, we will assess the materiality of the sources physical constitution, paratexts, copyist interference, handling marks and trademarks that point to differences in the assimilation of books in different communities of readers.

Keywords: History of medieval reading; travel narratives; communities of readers; paratexts; codicology.

* Doutorando pelo programa de Pós-graduação em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS - Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: fernando.ponzi@gmail.com

A popularização dos idiomas vernáculos nos escritos dos séculos finais da Idade Média foi, em grande parte, o resultado de um esforço em divulgar determinadas obras para um público leitor que cada vez mais escapava aos ambientes eclesiásticos, acadêmicos ou burocráticos. Uma vez libertas das contingências de assimilação específicas a um determinado círculo, a gama de interpretações e a relevância de certos tópicos tratados nestes registros passaram por grandes variações, que, por vezes, recebiam a temática elaborada de forma muito diversa da intenção original de seus compositores, patrocinando inclusive a alteração dos textos originais com base nas interpretações dos copistas.

O presente artigo pretende explorar as metamorfoses no conteúdo e as variações na assimilação de um texto composto originalmente em latim nas Ilhas Britânicas, porção francófona da Europa continental e norte da Península Itálica, durante os séculos XIV e XV. Especificamente, acompanharemos como o *Relatio* do franciscano Odorico de Pordenone passou de um relato de viagem elaborado com intenções de popularizar elementos da Ordem dos Frades Menores para um guia comercial e compêndio de maravilhas, comparando como as traduções abarcaram diferentes círculos de leitores e processos de interiorização dos textos diversos daqueles previstos pelos compositores originais das obras.

Buscaremos os indícios destas transformações nas práticas de leitura analisando as diferentes formas de apreensão do texto. Procurando evitar uma ambição totalizante do resgate das práticas de leituras¹, propomos um exame material² das cópias da narrativa do franciscano com base em sua distribuição, especificidade física (nas formas com que foram encadernados com outros textos, qualidade das ilustrações e decorações, tipo de material utilizado), marcas de manuseamento (tais como manchas de gordura das mãos na lateral das páginas ou fragilidade em sua encadernação) e dos paratextos inseridos por seus leitores e copistas³. Tais informações nos indicam o ambiente em que estas cópias foram lidas, o quanto foram manuseadas, os interesses que despertaram e as conexões que operam ao relacionar esta obra com outras em suas encadernações e anotações.

Especificidades do Relatio

Tendo viajado do Friuli (entre os territórios venezianos e germânicos) até a capital mongol do leste, Cambalic (na região de Beijing), o franciscano Odorico de Pordenone foi chamado à corte do Papa João XXII em 1330 para prestar relatório sobre sua jornada.

Adoecendo antes de chegar ao Reino da França, o frade foi obrigado a receber tratamento no convento de sua ordem em Pádua. Em suas semanas finais, Odorico descreveu sua rota pelo Oriente para o *reverendo patri fratri* da província e para o frei Guilherme de Solagna, responsável por redigir o texto. O frei Marchesino de Bassano foi então encarregado pelo provincial da ordem a narrar este relato para um grande público na corte papal em Avignon em 1331, enquanto o frei Henrique de Glatz registrava o reconto.

Procurando aproveitar a popularização dos relatos de viagem em seu período, a Ordem dos Frades Menores elaborou várias cópias do *Relatio*⁴ buscando promover os ideais franciscanos e garantir a integridade da Ordem em um momento que se via fragilizada frente ao papado por conta das pregações radicais dos *fraticelli*⁵ (). Muitos religiosos suspeitos de participar da heresia eram compelidos a peregrinar para o Oriente - e um terço da narrativa odoricana descreve a santidade e martírio de quatro irmãos em Tanæ (Tana - Índia). Há fortes indícios de que os capítulos referentes à martirização tenham recebido inserções e modificações externas ao relato oral de Odorico em seu registro original, indicando que estes escritos foram elaborados por franciscanos que procuram sublinhar a aclamação popular dos mártires e do viajante como principal fator de mérito para suas elevações à santidade (FERRARI, 2013, p. 72-79 e 180-191), contrastando com o processo de rigorosa investigação vigente na época, que demandava um tempo de “sedimentação” e um inquérito exaustivo de cada caso (TEIXEIRA, 2011, p. 42-53).

Ainda que o *Relatio* de Odorico não tenha o mesmo renome que contemporaneamente Marco Polo e mesmo Guilherme de Rubruck desfrutaram, sua narrativa não passou despercebida durante a Idade Média. Numerosas cópias foram produzidas durante os dois séculos finais deste período; Guéret-Laferté considera que o relato de viagem do franciscano seria a obra com maior circulação em sua época dentre as pertencentes ao seu gênero literário (GUÉRET-LAFERTÉ, 1994, p. 8-9)⁶. Entretanto, grande parte das informações na narrativa do frade foi considerada irrelevante ou falsa por escritores posteriores que pretendiam discorrer sobre as regiões e povos do *mundus*, sendo, inclusive, alvo de chacota por parte de alguns compiladores e de profundas distorções por parte de outros (FERRARI, 2013, p. 151-179).

Os pesquisadores sobre o *Relatio* e outras obras de viagem divergem sobre o número de manuscritos medievais sobreviventes contendo a narrativa de Odorico de Pordenone. O'Doherty faz um levantamento exaustivo utilizando diversas publicações, inventários de bibliotecas e arquivos, simpósios temáticos, levantamentos filológicos e contatos pessoais com estudiosos da área, elencando 115 manuscritos (O'DOHERTY, 2006, p. 97); Paolo Chiesa, que estudou esta obra por mais de dez anos, conta 127 reproduções (CHIESA, 1999-2000) - número contestado por Paolo Monaco, que, por sua vez, não propõe sua própria contagem (MONACO, 1979, p. 325). As discrepâncias nesta numeração são ocasionadas pela dificuldade em diferenciar citações e excertos de Odorico em outras obras, o que se torna ainda mais nebuloso se considerarmos ou não sua difusão indireta através de Mandeville, como O'Doherty expõe (O'DOHERTY, 2006, p. 97). Ainda assim, trata-se de números bastantes expressivos para uma obra produzida durante a Idade Média.

É difícil definirmos com precisão o que constituiria a narrativa “verdadeira” do frade, se esta seria o manuscrito mais antigo encontrado (dado que o “original” de Solagna teria se perdido) ou suas versões mais aceitas. As investigações sobre o *Relatio* tendem a se restringir à crítica de uma ou outra versão do texto, ou de um único manuscrito latino, analisando aspectos específicos desta cópia. Os primeiros esforços para ampliar os horizontes da pesquisa são representados pelo censo dos manuscritos feito por Yule e Cordier (1913), Van den Wyngaert (1929), e Testa (1979), sendo que esta última foi posteriormente aperfeiçoada pelas retificações propostas por Reichert (1999).

Embora o “corpo” do texto (capítulos 1 a 37) seja semelhante em quase todos os manuscritos, e narrem os mesmos episódios, o princípio e o fim destes escritos são especialmente mutáveis. O conteúdo das viagens tende a variar apenas nas versões mais dotadas de simbolismos⁷, ou por algumas diferenças, por vezes profundas, no estilo, sintaxe e detalhes no conteúdo.

Neste mesmo sentido, Chiesa procura estabelecer um padrão mais amplo da distribuição da narrativa odoricana com base nestas variações. Após rever e corrigir um levantamento que realizou anteriormente, o filólogo italiano procurou uma classificação efetiva para todos os manuscritos e suas diferentes redações. Devido ao elevado número de cópias e sua grande disparidade, Chiesa optou por recolher apenas as seções iniciais e finais

dos textos. Através desta análise, reconheceu diferentes tipologias dos *incipit* (textos iniciais) e *explicit* (textos finais), que permitiram o estabelecimento de uma “genealogia” dos documentos, chamando estas “famílias” de “recensões” (*recensio*) (CHIESA, 2000).

Portanto, ao identificar a presença ou ausência de certos elementos nestas reproduções e suas peculiaridades, foi possível estabelecer laços entre os manuscritos de forma a compreender a distribuição e assimilação da obra em diferentes espaços (físicos e sociais). Para tanto, seguiremos a terminologia adotada por Chiesa, aprimorada por Marchisio, que delimita primeiramente dois grandes grupos: um conjunto onde um redator se apresenta como amanuense ou que apresenta o nome de um dos cinco possíveis dos redatores (correspondendo às recensões “B” a “F”), e o “Grupo 2”, que compreende os manuscritos que não possuem características em comum com nenhuma das demais recensões (especificamente, o “*recensio A*”).

Como mencionamos anteriormente, as várias versões do *Relatio* apresentam assinaturas de diferentes compositores no *explicit* (ou, raramente, no *implicit*). Quatro redatores se identificam nas cópias localizadas: Guilherme de Solagna, Marchesino de Bassano, Henrique de Glatz e Guecello de Guecellis. Estas enunciações escritas são o ponto de partida da divisão estabelecida por Chiesa. Annalia Marchisio aprofunda as possibilidades desta separação em sua tese de doutorado, fazendo um levantamento ainda mais denso das especificidades destas recensões e sua distribuição em uma investigação que acreditamos ser um marco nos estudos de difusão de textos na Idade Média, (MARCHISIO, 2013).

Dentro deste paradigma, chamaremos os manuscritos que transmitem a assinatura de Guilherme de Solagna, tido como o primeiro redator do *Relatio* e amanuense de Odorico, de “recensão C” (*recensio Guillelmi*). Por conta da narrativa efetuada na corte papal, outros escritos indicam Marchesino de Bassano (“recensão B”, *recensio Marchesini*) e Henrique de Glatz (“recensão D”, *recensio Henrici*) como seus redatores originais, formando suas próprias linhagens de reprodução.

Já mencionamos Solagna, Bassano e Glatz anteriormente, mas uma terceira figura não foi ainda explorada. Guecello de Guecellis era notário em Udine, sendo contratado por Guido Candidus, arcebispo de Udine, para recolher testemunhos sobre Odorico e seus milagres na tentativa de promover sua santificação. Durante este processo, Guecello redigiu

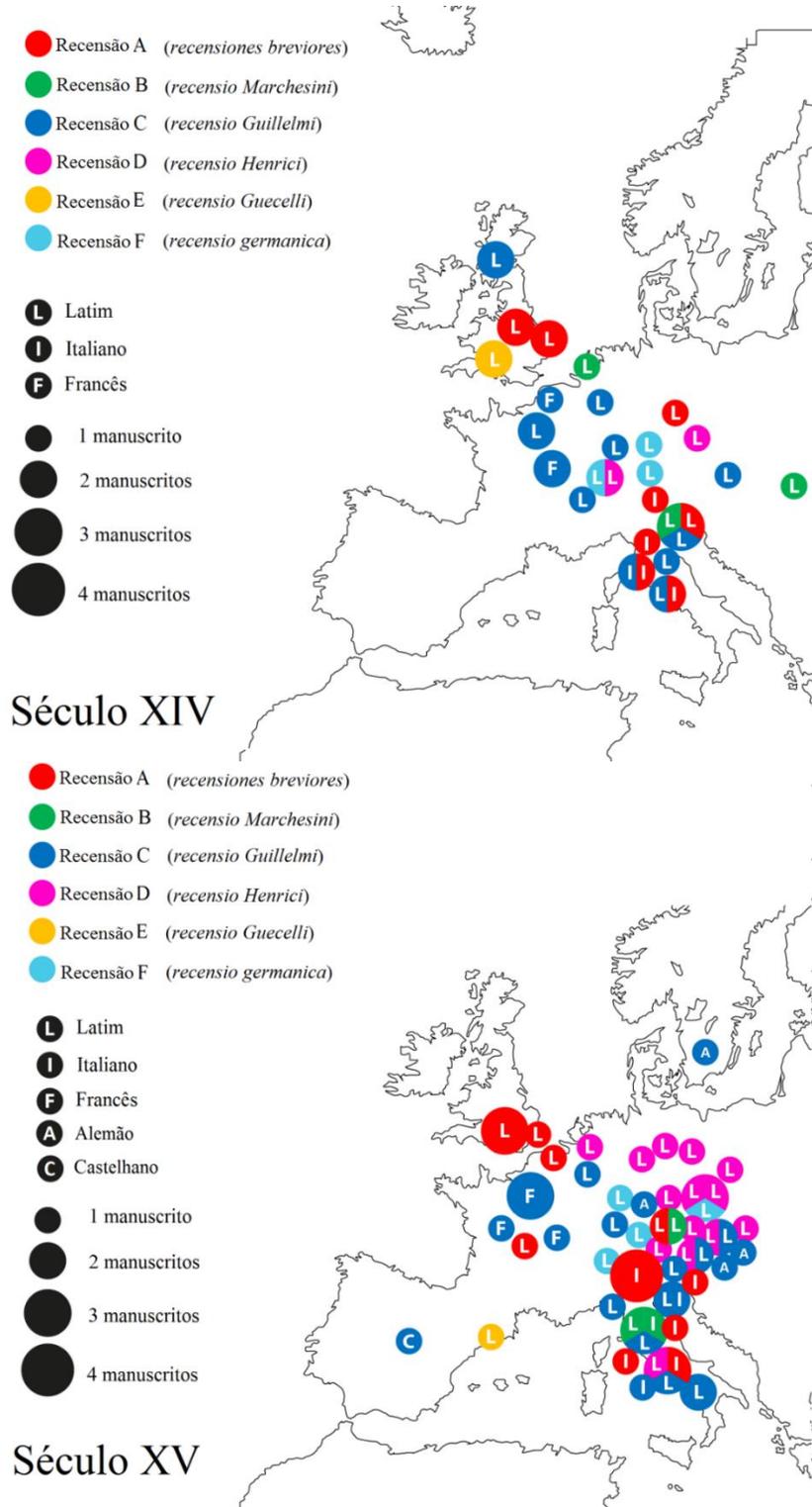
sua própria versão da narrativa odoricana, que chamaremos de “recensão E” (*recensio Guecelli*).

As obras da “recensão F” correspondem aos textos que não apresentam assinatura ou enunciação escritural, mas possuem afinidade entre si. Por fazerem referências à geografia da atual Alemanha em comparações, Chiesa e Marchisio denominaram esta “família” documental de *recensio germânica*, que não serão exploradas aqui por estarem fora do recorte de análise proposto. Finalmente, os textos da “recensão A” (*recensiones breviores*) correspondem a todos os textos que não possuem *implicit* ou *explicit*, nem semelhanças com os outros grupos, tornando difícil identificar sua “genealogia”.

Em sua exaustiva pesquisa, Marchisio conseguiu estabelecer as diferentes gerações nas “linhagens” dos documentos, tecendo a “filiação” entre os manuscritos por ordem de descendência. Como exemplo, o belíssimo manuscrito BnF fr. 2810 foi classificado como “C9”, ou seja, a nona geração a partir do manuscrito de Henrique de Glatz (MARCHISIO, 2013).. Para os propósitos deste exame, não cabe aqui reproduzir o intrincado processo filológico e codicológico adotado pela pesquisadora; entretanto, recomendamos fortemente a leitura desta tese de doutorado para os interessados na reprodução e propagação de manuscritos durante Idade Média.

Os mapas a seguir ilustram como as cópias destas diferentes recensões se difundiram pela Europa entre os séculos XIV e XV, tomando como base o esquema original de Marchisio (2013, p. 465-466). Mantivemos a terminologia da pesquisadora na tradução destes gráficos, que estabelece uma divisão dos textos entre idiomas modernos, de forma a melhor explicitar sua distribuição, mas que devem receber o devido tratamento crítico para fins de análise filológica e/ou linguística compatível com o período abordado.

Figura 1 - Distribuição das cópias do *Relatio* de Odorico de Pordenone



Fonte: MARCHISIO, 2013, p. 465-466 (tradução livre).

Partiremos agora ao exame das cópias encontradas. Para cada recorte a ser explorado, dividimos a análise do material entre os séculos XIV e XV, as características das

cópias em idiomas vernáculos, seguidas das reproduções em latim e, por fim, um breve exame dos paratextos inseridos.

Norte da Península Itálica

No decorrer do século XIV, as cópias do *Relatio* baseadas na recensão A são as mais numerosas. A maioria dos manuscritos em vernáculo derivam de uma tradução desta tradição focada no maravilhoso (referida por O'Doherty como "Grupo Um"), com o título de *Libro delle nuove e strane e meravigliose cose* (A1) (ANDREOSE, 2000), carecem do posfácio relatando a jornada final de Odorico e sua morte, como ocorre nos textos em latim.

O "Grupo Dois" corresponde a manuscritos posteriores e *volgarizatos* que diferem substancialmente dos textos do Grupo Um e de todas as versões latinas. Além de extirpar o extenso relato de Odorico sobre a martirização dos franciscanos em Tanæ, os textos desse grupo, chamados de *Memoriale toscano* (A1) por Monaco (1990, p. 44), contém uma série de adições à narrativa aparentemente (e surpreendente) genuínas, como informações precisas sobre conventos franciscanos e dominicanos em Tabriz e Sultaniyeh, bem como detalhes dos costumes matrimoniais em Tanæ (MONACO, 1990, p. 216-217). Entretanto, o mesmo autor compara esta versão com várias outras do Grupo Um e conclui que não se trata de um registro prelatino, mas de um *riassunto* (sumário) de uma versão diferente e mais longa da redação de Solagna que não sobreviveu, provavelmente enriquecida com notas marginais e glosas (MARCHISIO, 2013, p.219). Sem citar bases documentais, Andreose propõe que estes detalhes seriam a incorporação de notas de edições anteriores do Grupo Um, mas o teor destas anotações não está suficientemente claro para concordarmos com esta classificação (ANDREOSE, 2000).

Apenas oito manuscritos italianos do século XIV sobreviveram, em comparação com os dezenove (e um fragmento) sobreviventes do século XV, estando igualmente divididos entre quatro textos latinos e quatro em vernáculo. Todos os livros em latim são pertencentes à *recensio Guillelmi*, o que nos indica que os excertos sobre a última jornada de Odorico e sua morte foram compostos para um público externo ao ambiente franciscano, mais especificamente, voltados para a cúria papal (O'DOHERTY, 2006, p. 100.).

A linguagem, colofões⁸ e proveniências apontam para uma difusão limitada ao norte da Península Itálica pelos termos utilizados, sinais de propriedade e comparações nas notas

marginais. As poucas evidências diretas que indicam quem eram seus proprietários sugerem que alguns manuscritos (tanto latinos quanto em vernáculo) pertenciam a conventos ou outros ambientes religiosos. Sabemos que dois deles faziam parte de coleções de centros de formação de dominicanos e franciscanos em Florença e Pordenone (O'DOHERTY, 2006, p. 100). Um deles, Paris, BnF, f. lat. 2584 (C3), faz parte de um tomo de provável origem italiana, contendo material exegético e sermões, indicando sua utilização religiosa que, juntamente com sua *marginalia*, sugere seu uso em pregações⁹. Ainda duas referências em inventários estabelecem uma cópia no convento dominicano de São Nicolau em Treviso em 1347 e outra no convento franciscano de Gubbio em 1360, segundo Testa (1983, p. 138-139).

Dos quatro manuscritos em vernáculo do século XIV, três estão em caligrafia menos formal (*mercantesca*, *cancelleresca*, cursiva mista¹⁰). Duas cópias foram encadernadas em miscelâneas para provável leitura laica, com assuntos pios e seculares, copiadas em *mercantesca* e *cancelleresca*. Vaticano, BAV, Urb. lat. 1013 (A6) contém lendas diversas juntamente com entradas sobre a retidão da fé, orações, fórmulas simpático-mágicas e um pequeno tratado médico, bem como uma pequena coleção de notas relatando os eventos presenciados por seu autor (folio 32v). Este mesmo documento é cuidadosamente formatado por seu escriba com linhas de orientação e bela caligrafia, dando a impressão de um trabalho cuidadoso, mas não aparentando ser voltado para a ostentação pela ausência de iluminuras ou materiais como ouro ou corantes berrantes. A cópia de Florença, BNC, II.II.15 (F3) contém um tratado em vernáculo sobre o corpo e a alma, juntamente com uma coletânea de lendas e provérbios rimados (O'DOHERTY, 2006, p. 101; MARCHISIO, 2013, p. 67)¹¹. O quarto documento, Florença, BNC, Con. Soppr, C.7.1170 (A6), é o único associado a uma instituição religiosa, um convento dominicano em Florença. Mesmo com apenas quatro componentes de seu século, ficamos com uma forte impressão de que as cópias vernáculas do *Relatio* eram prezadas por seus donos não como artefato de luxo, mas como objeto pessoal, provavelmente de cópia do próprio possuinte.

Monaco sugere que os outros dois manuscritos¹² são produtos de oficinas de livreiros profissionais, dada a caligrafia pouco variante, o tipo de costura e a similaridade entre os dois, o que sugere que, se correto, o *Relatio* era suficientemente popular no período para ser copiado por profissionais (MONACO, 1979, p. 202, 208-209). Ainda assim, se estas cópias forem realmente produto de oficinas profissionais, parecem ser trabalhos

secundários com pouca decoração e aporte físico (com apenas duas exceções, uma delas com adornos em dourado e mapas retirados da *Sfera* de Goro Dati¹³ dirigida para uma ordem religiosa feminina¹⁴), indicando um grupo de leitores de baixo padrão socioeconômico (O'DOHERTY, 2006, p. 102. MARCHISO, 2013, p. 29-32).

As quatro cópias em latim encontradas pertencentes ao século XIV são compostas em caligrafia gótica típica de manuscritos institucionais, mas sem a decoração encontrada em textos mais valorizados. Como mencionado, uma destas cópias¹⁵ possui sua formatação complementada por *marginalia* resumindo aspectos específicos e paratextos indicativos no topo de cada *folio*. O segundo manuscrito¹⁶ foi escrito igualmente em mão gótica arredondada, mas com caligrafia difícil e irregular, contendo diversos erros de grafia e gramática. A ausência de decoração e seu aporte em papel aumenta a impressão de que se trata de uma cópia barata, realizada sem muito esmero e/ou por amadores ou profissionais em treinamento. A carência de colófos, *marginalia* e poucas marcas de manipulação (como manchas de gordura, papel amassado nos cantos ou lombada mais fragmentada) nos apontam que o livro não foi muito manuseado por seus proprietários.

O'Doherty propõe que, ainda que tenham sido elaborados à luz de seus confrades mendicantes para a promoção da santidade de Odorico, as cópias latinas do *Relatio* não foram especialmente populares nos meios franciscanos do século XIV. A historiadora ainda conclui que estas reproduções de fato circularam nestas comunidades, mas não parecem ter sido alvo de uma estima maior ou leitura reflexiva de qualquer tipo (O'DOHERTY, 2006, p. 104). Tendemos a concordar com ela, especialmente pela maneira que as cópias inglesas refletem uma leitura exaustiva realizada por religiosos, como será abordado em breve, e a quase ausência de marcas de desgaste, saliva, gordura e paratextos nas reproduções analisadas.

A única cópia italiana do século XIV que possui anotações significativas marca seu caráter fortemente institucional, utilizando *marginalia* para suplementar as divisões oferecidas pelas rubricas do manuscrito, introduzindo os locais visitados por Odorico por seu nome e características memoráveis¹⁷. Por exemplo, Polumbum é introduzida como “o lugar onde o gengibre nasce e onde o boi é adorado como a um deus”¹⁸. Da mesma forma, as referências aos “hábitos imundos” (como devorar os mortos, nudez, idolatria, etc.) e cinocéfalos são cruzadas com outras passagens em que estes fenômenos ocorrem e com os povos descritos, como um esforço mental em compreender estas práticas em ambientes

diferentes, e paralelamente criar um sistema de referências rápidas sobre elas em futuras consultas. Desta forma, o autor das anotações transpõe sua opinião daquilo que considera digno de nota apesar de sua presunção de neutralidade puramente indexatória, ao mesmo tempo em que indica que sua leitura deveria ser realizada por indivíduos que julga estarem aptos a realizar seus próprios julgamentos morais sobre o que Odorico descreve sem a assistência de fontes externas.

A difusão da narrativa de Odorico nas línguas itálicas durante o século XV ganhou mais força que sua versão em latim com indícios de um público mais amplo. A maioria dos manuscritos vernáculos deste período é composta em caligrafia *mercantesca* e *cancelleresca*, de média e baixa qualidade. Quando o *Relatio* (latim ou vernáculo) é encadernado com outras obras, é anexado em volumes que tendem a seguir uma determinada temática, como literatura religiosa ou, mais comumente, escritos que destacam rotas de exploração comercial (narrativas de viagens, balanços econômicos, custos de navegação, etc.). Muitos destes, talvez até sete deles, apresentam em menor ou maior grau os indícios que Armando Petrucci atribui aos livros copiados por seus proprietários¹⁹.

O'Doherty nos traz o caso de uma cópia com miscelâneas²⁰ cuja assinatura de propriedade ("Andrea di Lorenzo di Cieffo di Masino Ceffi del popolo di San Simone di Firenze", folio 140v.) possui anotações com caligrafia de influência *mercantesca*, muito similar à do corpo do texto, indicando a cópia do proprietário. O manuscrito Roma, Angelica, 2212 (A6), apresenta diversos tipos de caligrafia no corpo do texto, mas com traços em comum com sua assinatura (O'DOHERTY, 2006, p. 102).

Em contraste, dos quinze manuscritos não-fragmentários do século XV, apenas seis são escritos em latim. Conforme o esperado, estes manuscritos indicam terem pertencido a ordens religiosas, mas não de forma tão ampla quanto inferimos inicialmente. Testa identifica o manuscrito da sede arcebispo de Udine como pertencente a este período (TESTA, 1983, p. 139-1940). Em contraponto, na cópia latina proveniente do sul da Itália em Florença, BNC, Magl. VII. 1334 (C1), não se identificam traços que a caracterizem como pertencentes à esfera religiosa, e a marca de propriedade no seu segundo *folio* parece ter origens no meio secular no fim do século XV²¹. A marca parece tentar estabelecer um histórico dos proprietários do tomo, mas seus nomes infelizmente estão em uma parte muito danificada na página para entendermos. As seções que podem ser lidas com alguma clareza parecem sugerir uma sucessão de proprietários seculares: "questo libro edi matteo

dante (...) elquale chonpero da sopradetto (...)”, uma sequência de nomes que aponta uma doação envolvendo um "Zanobi", seguido de alguns nomes indecifráveis, acompanhado do ano de 1483 no fol. 1r.

Além desta reprodução, surpreendentemente há uma ausência de registros do *Relatio* em inventários de livros das ordens mendicantes elaborados no século XV. Marianne O’Doherty (2006, p. 103) encontrou duas narrativas da martirização dos franciscanos em Tanæ em uma ata datada 1481, mas nenhum indício que esta fizesse parte do texto de Odorico. As cópias latinas sobreviventes são todas em produções de baixo custo e com pouca (ou mesmo sem) decoração.

Como este apanhado geral demonstra, apesar do *Relatio* ter tido uma boa difusão na Península Itálica durante os séculos XIV e XV, parece não ter tido a mesma aceitação entre os estratos mais abastados ou dominantes (religiosa ou politicamente) da sociedade, seja ela laica, escolástica, eclesial ou monástica. Nas evidências disponíveis em inventários, apenas uma cópia foi localizada em uma grande biblioteca da época, na coleção Visconti-Sforza de Milão, em um tomo em latim encadernado com o texto de Marco Polo. Esta reprodução atesta que foi elaborada por Pietro Muleti di Fagagna, estudante de retórica e notário público em Pádua. Segundo análise de O’Doherty, as duas cópias que demonstram influência “humanista” em sua formatação ou caligrafia são encadernadas e classificadas em registros de livros juntamente com textos literários ou escolásticos auxiliares, indicando que o *Relatio* não tinha valor essencial ou paradigmático para seus copistas ou proprietários, e dificilmente seria usado como autoridade em meios de debates filosóficos e teológicos mais intensos, como universidades e grandes centros de formação religiosa. (O’DOHERTY, 2006, p. 104)

No século XV, encontramos alguns exemplos ricos em anotações de caráter pessoal nas *marginalia* sobreviventes. Com tinta vermelha, o manuscrito em latim da BNC, II.IV.277 (B2) registra as passagens através de símbolos e apenas um escrito que destacam os temas mais chamativos a seu leitor, como a Índia continental, o *sati*²² e a mortificação e suicídio ritual no culto de Mobar²³. Entretanto, a falta indícios que nos oriente para o seu sistema simbólico de anotações torna o entendimento de suas intenções difícil, mas também nos indica que seu objetivo não era uma indexação voltada para a leitura de terceiros.

Sua única nota escrita diz respeito aos hábitos de povos distantes reforça o caráter pessoal de suas anotações. Na passagem em que Odorico descreve como o ídolo de

Polubum exige o sacrifício de quarenta virgens, este leitor escreve à margem as palavras “*sacri idoli*” (“ídolo sagrado”, folio 78f). Uma vez que nenhuma referência ou destaque é colocado sobre o ritual “sanguinolento” que comumente chama a atenção de outros leitores, é difícil compreender a natureza do comentário, uma vez que este não se repete em nenhuma outra descrição de práticas religiosas ou de ídolos no tomo.

Continente francófono

Assim como ocorre com as cópias do *Livre* de Marco Polo, as versões francófonas do *Relatio* contêm uma maior frequência de decoração e melhor aporte físico que as suas contrapartes italianas do século XIV, usualmente escritas em letra gótica ou secretarial de boa qualidade. Isto sugere que a narrativa de Odorico não era um texto “popular”; pelo contrário, foi tomado como um artigo de luxo entre um público abastado, frequentemente laico. Muitas vezes ambas as obras (*Relatio* e *Livro*) circulavam encadernados em um mesmo tomo faustoso²⁴. O alto custo de produção destas obras tende a coincidir com a falta de marginalia, sublinhados ou outras anotações de leitura. Portanto, são manuscritos que não indicam uma apreciação exegética ou escolástica normalmente acompanhada nos manuscritos latinos da mesma região e período, atuando para manter o leitor entretido com narrativas sobre locais distantes e maravilhosos.

Há quatro manuscritos sobreviventes em latim do *Relatio*, o que indica que houve pouca difusão da obra neste idioma no ambiente francófono continental do século XIV²⁵. Cada um destes manuscritos advém de uma recensão diferente. Destes, a versão encontrada na Bibliothèque Nationale de France²⁶ é um breviário da virada do século XIV, que chega até nós graças apenas a uma cópia apressada de origem dominicana. Glasgow, Hunter, 458 (C3)²⁷ apresenta um documento bem-elaborado em letras góticas, decoração dourada²⁸, índice toponímico²⁹, com uma introdução de um frade dominicano oferecendo o livro a um rei não especificado³⁰. Já a cópia Glasgow, Hunter, 84 (C3) possui caligrafia *chancelleresca* e pouca decoração além das letras maiúsculas trabalhadas em vermelho³¹. Ambos os manuscritos são dotados de *marginalia* em latim consistentes com leitores do fim do século XV e início do século XVI³².

Há poucas evidências de que o *Relatio* fosse comum em ambientes conventuais ou monásticos, independentemente de seu idioma ou recensão, o que é suportado pelas poucas

cópias latinas sobreviventes. Apenas Besançon, 667.G (C9)³³, um manuscrito da tradução francesa de Jean de Long, aponta um uso monástico ao conter uma imagem de um premonstratense lendo; uma vez que a imagem claramente não possui relação com o conteúdo do texto, é um indicativo do público-alvo de sua elaboração.

Curiosamente, O'Doherty, Marchisio e Reichert, os maiores pesquisadores do texto odoricano e seus reflexos, se esquecem de mencionar a crônica de Elemosina Gualdensis (Johannes Elemosina, ca. 1280-1339), que usa tanto Odorico quanto Montecorvino, Mandeville, Polo e André da Perugia para montar sua *Chronica* histórico-narrativa, citando-os copiosamente³⁴, no que considero não apenas uma influência, mas, no mínimo, uma cópia de fragmentos.

As cópias em língua francesa acompanham a obra de Polo no sentido de serem grandemente desprovidos de comentários marginais ou demais formas de paratextos por parte de sua recepção (O'DOHERTY, 2006, p. 165). Este indício condiz com a maioria dos tomos elaborados para o deleite da nobreza em idioma vernáculo presentes neste recorte, dado que eram utilizadas mais como símbolo de status que como fonte de leitura reflexiva. Apenas uma cópia em francês encontrada recebeu paratextos, que denotam mais um esforço idexatório por parte de seu leitor que uma reflexão de qualquer forma do conteúdo da narrativa³⁵.

As duas cópias em latim analisadas³⁶ confirmam isso, demonstrando uma provável origem institucional, providas de paratextos ocasionais³⁷. O volume da BnF é especialmente notável ao colocar em evidência os contrastes culturais e as maravilhas (preferencialmente ambos), ao mesmo tempo em que praticamente ignora qualquer congruência geográfica – por exemplo, ele não parece se importar sobre o local de Tanæ, Polumbum ou Mobar – e não faz nenhuma referência ao itinerário empregado por Odorico em sua jornada. Ainda que ignore o percurso, encontramos referências aos habitantes de Polumbum se untando com urina e fezes de boi (fol. 20v), ao *sati* (fol. 20v), e ao suicídio ritual (fol. 21r). Adicionalmente, ao se referir a Lamori (Indonésia), o comentador não se atém apenas aos detalhes sórdidos das culturas alheias como normalmente ocorre na maioria das anotações, mas procura explicá-la. Ao destacar a nudez de seus habitantes, desenha uma *manicularia*, admirando o esclarecimento de Odorico em seguida³⁸.

Ao enfatizar as *mirabilia* e não explicitar nenhum julgamento negativo destes atos em seus paratextos³⁹, o comentador desta cópia parece ir além do papel de um intérprete,

preferindo colocar os episódios como tipos ideais que podem ser consultados por futuros leitores, como um *exempla* perverso. Em sua pretensa neutralidade, não elabora condenações explícitas mesmo em situações abundantes em censura nas *marginalia* em outras cópias, como nos momentos do *sati* e do suicídio ritual.

Baseando-se nesta passagem, O’Doherty acredita que as *marginalia* sejam guiadas pela afirmação de superioridade moral do cristianismo frente os povos retratados (O’DOHERTY, 2006, p. 166). Entretanto, a historiadora britânica desconsidera que existem reprovações que não são diretamente morais, mas que transparecem o pensamento franciscano sobre dominação da natureza pelos homens através de seus engenhos, que não seria simplesmente resultado de uma capacidade intelectual, mas uma bênção divina que deve ser explorada de maneira adequada.

Nesta mesma cópia, no capítulo que descreve como o povo de Dondin matava e comia seus enfermos “para não permitir que a carne apodrecesse e fosse devorada pelos vermes” (fol. 121r), encontramos gradada a nota marginal “note a falsa razão”⁴⁰. Este apontamento refere ao mesmo tipo de inversão da ordem natural e da ação humana inadequada sobre esta que Odorico alude em diversas passagens do *Relatio*, e que está presente na argumentação do viajante contra o hábito (“o que vocês estão fazendo é contra toda razão”⁴¹) (FERRARI, 2013, p. 98-103). Portanto, não se trata de uma simples condenação moral, mas de um recurso à *ratio* que era comum aos franciscanos por suas atribuições escolásticas e, especialmente, em suas atividades missionárias, onde a simples reprovação ou censura teria pouca eficácia para o esforço de conversão.

Ilhas Britânicas

Um traço marcante da difusão dos manuscritos do *Relatio* nas Ilhas Britânicas é a ausência de cópias em qualquer idioma vernáculo nos séculos XIV e XV. Como esta evidência aponta, todos são da mesma tradição de reproduções (*recensio Guecelli*), e possuem semelhanças não apenas na forma e conteúdo em suas cópias, mas em seu uso, como veremos adiante. Dos seis manuscritos, três possuem registros em inventários religiosos, dois no priorado da Catedral de Norwich⁴² e um terceiro⁴³ na biblioteca dos franciscanos de Oxford. Um quarto manuscrito de Oxford⁴⁴ não possui os mesmos traços de uso escolástico como os demais, sendo uma encadernação de manuscritos de traços variados, e não conseguimos localizar nenhuma evidência de seus proprietários.

A predominância do *recensio Guecelli* nos manuscritos britânicos coincide com seu uso; cinco dos seis manuscritos localizados por pesquisadores na região exibem paratextos escriturários⁴⁵ elaborados para facilitar a localização de tópicos e capítulos no texto, priorizando a martirização de Tanæ e a passagem do “vale perigoso” (O’DOHERTY, 2006, p. 108; MARCHISIO, 2013, p. 301-317). Entretanto, dois manuscritos são dotados de anotações que sugerem propósitos outros que o simples uso escriturário, indicando um hábito de leitura reflexiva típica dos ambientes letrados, como referências a outros autores e *marginalia* que indicam a leitura por pessoas habituadas à esta prática, se não à cópia e redação, por exemplo, “tomou o cuidado de traduzir para o latim, mas é desnecessário” nas páginas referentes ao hábito dos indianos prostrarem-se a um ídolo na passagem da “idolatria de Mobar” (cap. 18)⁴⁶. A caligrafia também aponta uma prática da escrita, contendo poucos deslizes e variações das letras na *marginalia*. Estes elementos nos indicam que os textos eram utilizados como suporte para reflexões teológico-hagiográficas.

Assim como ocorre no século XIV, os manuscritos britânicos do século XV também foram compostos exclusivamente em latim. Destes manuscritos, dois são dotados de adornos (como molduras e letras trabalhadas) e algumas iluminuras⁴⁷, e o terceiro exibe um suporte de escritura caro, com capa de couro fino e pergaminho de alta qualidade⁴⁸.

As anotações seguem focando no martírio e provavelmente são de uma mesma origem escolástico-religiosa, ainda que um deles contenha materiais tipicamente anexados à tomos mais fantasiosos, como a *Carta de Preste João* e o livro de Mandeville⁴⁹. A escolha pela encadernação destes textos em um mesmo tomo pode ser entendida tanto como uma coletânea de curiosidades, como um esforço de compreensão do Oriente a partir de uma perspectiva comparada. A segunda proposta parece ganhar força devido à maioria de anotações focadas nas intervenções divinas e de um conteúdo eminentemente hagiográfico nos demais textos encadernados. Já outro manuscrito, datado século XIV segundo a análise da British Library⁵⁰, possui anotações que condizem com os paratextos encontradas em outros dois manuscritos deste século⁵¹, mas é ainda mais comentado⁵². O’Doherty investigou alguns em inventários e atas de doação que indicam seu uso pelos meios intelectualizados (O’DOHERTY, 2006, p. 110).

Como inferimos anteriormente, confirmamos assim que a divulgação da narrativa de Odorico nas Ilhas Britânicas teve um caráter eminentemente religioso, fortemente ligado ao relato dos mártires de Tanæ. Em alguns casos, grande parte do paratexto encontra-se

justamente neste episódio, tratando-o como uma obra hagiográfica⁵³. Ainda que as anotações tenham por foco a imolação dos franciscanos, os demais episódios narrados pelo *Relatio* não são desprezados, e acompanham o caráter multifuncional presente no corpo do texto ao agremiar diferentes tipos de conteúdo, onde se destaca o tópico da pluralidade de povos da Criação.

Os manuscritos da Biblioteca Bodleiana são os mais anotados, especialmente no episódio dos mártires de Tanæ⁵⁴. Cada um dos quatro episódios dos franciscanos mortos é individualmente anotado com cuidado nos paratextos do escriba⁵⁵. As instâncias de promoção da narrativa como fonte de reflexão hagiográfica coincidem com as condenações morais às práticas religiosas dos indianos, mas as censuras se diluem após este acontecimento, tornando-se mais esparsas. Em ambos os manuscritos, os costumes e práticas retratados são anotados com fidelidade ao corpo do texto, sem condenação moral explícita, aparentemente procurando auxiliar os leitores a localizarem por si uma passagem mais rapidamente. Por exemplo, no episódio de Lamori (Indonésia), onde todos possuem tudo de forma comum, inclusive as mulheres, o escriba de Oxford, Bodleian Library, Digby 11 (E) se limita a registrar "como as mulheres são colocadas [como bem] comum", enquanto o manuscrito 166 (E) da mesma coleção simplesmente nota que "tudo lhes é comum"⁵⁶.

Este último manuscrito indica que dois escribas copiaram a obra; o primeiro parece impor certa neutralidade de julgamento em algumas instâncias condenatórias do corpo do texto: quando Odorico classifica de "péssimo costume"⁵⁷ a prática do *sati*, a nota marginal chama-o de "costume maravilhoso"⁵⁸, colocando em evidência que o maravilhoso também pode advir de algo negativo e contornando o juízo do frade. A mesma intenção pode ser vista ao indexar o suicídio ritual em Maabar como "sobre como adoram um ídolo"⁵⁹, emoldurando os detalhes sórdidos oferecidos pelo franciscano em termos aparentemente indiferentes e distantes.

Apesar de promover esta imagem de isenção frente a episódios chocantes, o comentador do manuscrito Digby 166 faz um comentário elogioso de um fato narrado onde não existe juízo aparente no texto original. Na descrição de Salan (Sri Lanka), Odorico fala de um lago em cujo leito abundam pedras preciosas, no qual o rei permite que os pobres mergulhem duas vezes ao ano em busca de riquezas. Junto a esta passagem, o escriba coloca uma nota exaltando a "generosidade do rei"⁶⁰.

Fora estas passagens, os autores dos paratextos de Digby 166⁶¹ e 11 retratam os diferentes povos de forma moderada. As explicações para estes indícios são nebulosas, dificultadas pelo desconhecimento de sua origem. O'Doherty acredita que as cópias tenham sido produzidas por casas religiosas de grande debate escolástico, provavelmente por franciscanos ingleses (O'DOHERTY, 2006, p. 168); Marchisio (2013, p. 303-306) concorda parcialmente com estas conclusões, localizando características presentes no convento franciscano em Oxford (que, por sua vez, possuía estreitas relações com a universidade da cidade), mas não descarta a teoria de que o segundo teria origem beneditina.

Seja qual for a origem destes manuscritos, seu desapareço às exortações ou condenações morais sugere certa despreocupação por parte de seus elaboradores quanto à correta leitura dos hábitos e práticas de povos distantes, não necessitando de um guia que indicasse as formas apropriadas de assimilação do texto. Pelo contrário, dada a ortodoxia da audiência-alvo destas cópias, era seguro analisar as partes externas à martirização de Tanæ como fatos dados e objeto de reflexão individual que não necessita de intervenção externa - e que chega a amenizar os adendos moralistas de Odorico no curso da narrativa.

O manuscrito da British Library, coleção Arundel nº13 (A2), intitulado *Conditionibus et consuetudinibus orientalium regionum*⁶², é a única cópia sobrevivente com paratextos de caráter laico significativos no século XV. Ainda que a cópia tenha sido realizada no século XIV, seus comentários e adições indicam ser do século seguinte, possuindo características pouco usuais para o padrão de circulação do texto de Odorico nas Ilhas Britânicas como vimos até agora. Este tomo foi elaborado em pergaminho de qualidade médio-superior, escuro nos versos, e seus paratextos aparentam originar da mão de dois a quatro anotadores, sendo comentado com mais frequência que a cópia de Marco Polo que foi encadernada no mesmo volume (ff.1-38). As intervenções escriturais e de leitura são decoradas com desenhos das criaturas maravilhosas retratadas, e mesmo por alguns seres compostos que sequer aparecem no texto original. O tomo parece ter passado por duas tentativas de restauração ou reformatação para outro tamanho e capa ainda na Idade Média, como indicado pelo corte das margens originais do manuscrito (que eliminam ou tornam dificultosas a leitura de várias *marginalia*), e pela numeração das páginas do manuscrito, que começa a partir do *folio* 13.

O segundo anotador é o que mais se destaca, apresentando uma caligrafia de aporte escriturário, e por sua tinta de grande qualidade e corte fino da ponta de sua pena, faz com que sua escrita contraste com os outros leitores-anotadores. Ele demonstra especial atenção aos hábitos dos povos do Oriente, refletindo sobre eles além das descrições dadas. Na descrição do *sati*, por exemplo, além de destacar o costume, adiciona: “note que um homem não é obrigado a morrer com sua esposa”⁶³. O autor das notas ainda procura explicar a origem e significado de alguns costumes: na passagem onde Odorico descreve um lago onde abundam pedras preciosas, cujo monarca permitia que os pobres mergulhassem uma vez ao ano para não tornarem-se miseráveis, este leitor coloca que o rei seguiria este hábito “para que [os pobres] rezassem por sua alma”⁶⁴. Portanto, há uma preocupação não apenas em indexar alguns capítulos mais marcantes, mas também em auxiliar a compreensão das cenas descritas.

Ao analisarmos a maneira que este leitor-anotador trata as passagens da cultura alheia, é perceptível sua sensibilidade em não ler os costumes como mera curiosidade, mas percebendo “a escuridão em que vivem os povos que desconhecem a palavra de Deus”, nas palavras de orientação Francesco Pepino na apresentação de sua tradução para o latim do *Livro* de Marco Polo (PRASEK, 1902, p. 1). Esta postura se confirma na passagem dos peregrinos que se flagelam em Mobar (Malabar, na Índia), onde escreve na margem “de que modo fazem a peregrinação até seu ídolo e a dor que sustentam na peregrinação”⁶⁵, que aparece de forma neutra, como a explicação de um ato que a maioria dos leitores consideraria assombroso.

Também é notável o paralelismo que o anotador estabelece entre a cristandade latina e os indianos. Vendo na peregrinação um ato de fé e sacrifício, ele não condena a passagem por considerá-la um testemunho da crença, demonstrando que os infiéis fazem com zelo uma piedade que falta a seus companheiros cristãos, uma inversão de virtudes que acompanha a proposta por Francesco Pipino.

Ainda assim, este leitor/escriva não se isenta de demonstrar choque em diversas passagens, é perceptível que não consegue se aproximar do texto sem uma censura moral. Na mesma passagem do culto de Maabar do capítulo 19, quando fala dos suicidas que se jogam abaixo da carroça, ele insere: “Note como este povo parvo se coloca abaixo do carro que carrega o ídolo e morre de forma gratuita”⁶⁶.

Esta leitura da narrativa de Odorico atesta mais uma vez o papel multifuncional de seu relato para os leitores. Ela demonstra os vários graus de aceitação e complementação possíveis na relação da recepção com o texto, na maioria das vezes assumindo a descrição dos povos e terras como fato, em uma relação que o anotador é o aprendiz. Entretanto, ocasionalmente um impulso mais autoritário ante o texto escapa, tornando o *Relatio* uma matéria a ser interpretada e julgada, dotando sua narrativa sobre culturas tão diferentes de função e significado cristãos.

Considerações finais

A análise física das cópias e registros marginais é um elemento enriquecedor para os pesquisadores interessados em analisar o impacto e circulação de autores e ideias nos séculos finais da Idade Média. Através do contraponto entre as intenções que motivaram o escrito do *Relatio* e a maneira com que foram lidas em seus locais, procuramos traçar um panorama sobre as formas que as informações contidas neste texto foram ou não assimiladas e quais outros textos e noções seus leitores buscaram em suas reflexões.

Uma das dificuldades que mais se repetem no estudo das influências autorais é ignorar que o processo de leitura é socialmente dinâmico. Ao se valerem das ligações entre dois escritos, muitos estudiosos pouco procuram saber sobre a maneira com que um recorte espaço-temporal recebeu e se apropriou de obra que teria influenciado uma segunda. Obviamente, grandes historiadores fizeram pesquisas memoráveis sobre o contexto de um dado autor para escrever uma obra e citam suas influências, mas poucos procuram como as obras que os influenciaram foram lidas nos mesmos círculos que seu objeto de estudo frequentava.

Outra postura recorrente que procuramos evitar foi entender “história da leitura” como a história da posse de livros. Possuir não significa ler ou ponderar sobre seu conteúdo, como as cópias adornadas (e pouco desgastadas) do continente francófono demonstram. Nenhuma informação sobre as práticas de leitura de seus proprietários pode ser extraída delas além da própria raridade destas e de sua função como ícone de status, expresso nas imagens adornadas com pigmentos caros que ilustram suas páginas.

A variedade dos tópicos destacados nas diferentes regiões demonstra como a leitura se tornou um processo visivelmente mais pessoal pela propagação de edições em língua

vernácula. Há pouca variedade nos temas realçados pelos leitores das cópias em latim, e raros são os manuscritos neste idioma que demonstrem circular fora dos ambientes religiosos. Para além dos muros dos conventos, as traduções para as línguas vulgares permitiram a penetração de textos em círculos mais variados, e, talvez mais importante, permitiram novos paradigmas nas relações entre as letras e a sociedade.

Referências

- BURR, David. *Spiritual Franciscans: From Protest to Persecution in the Century After Saint Francis*. Pennsylvania: Pen State Press, 2010
- CERTEAU, Michael de. *The Practice of Everyday Life*. Los Angeles: University of California Press, 1988.
- CHARTIER, Roger. "Labourers and Voyagers: From the Text to the Reader". In: *Diacritics*, nº 22, 1992, pp. 49-61.
- CHIESA Paolo. "Per un riordino della tradizione manoscritta della Relatio di Odorico da Pordenone". In: *Filologia Mediolatina*. Vol. VI-VII. Firenze: Edizioni del Galluzzo, 1999-2000.
- DARNTON, Robert. "História da Leitura". In: BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992, pp. 199-235.
- DEROLEZ, Albert. *The Palaeography of Gothic Manuscript Books: From the Twelfth to the Early Sixteenth Century*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- FERRARI, Fernando Ponzi. *As várias viagens de Odorico: produção e assimilação de uma narrativa de viagem do século XIV*. 2013. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- MARCHISIO, Annalia. *La tradizione manoscritta della retaltio di Odorico da Pordenone*. 2012-2013. Tese (doutorado em Ciências da Antiguidade). Università Degli Studi di Udine, Udini, 2013. Disponível no endereço eletrônico [https://dspace-uniud.cilea.it/handle/10990/218](https://dspace.uniud.cilea.it/handle/10990/218), acesso em 11 de novembro de 2013.
- MONACO, Lucio (ed.). *Memoriale toscano: Viaggio in India e Cina (1318-1330)*. Alessandria: Dell'Orso, 1990.
- MONACO, Lucio. "Il volgarizzamenti italiani della Relazione di Odorico da Pordenone". In: *Studi Mediolatini e Volgari*, XXVI. Concordia Sette Pordenone, 1979, p. 325.
- NANCY, Caciola. "Wraiths, Revenants and Ritual in Medieval Culture". In: *Past & Present*, nº 152. Oxford: Oxford University Press/Past and Present Society, 1996, pp. 3-45.
- PETRUCI, Armando. *Reading and Writing Volgare in Medieval Italy: studies in the history of written culture*. New Haven: Yale University Press, 1995.
- PETRUCI, Armando. *Reading and Writing Volgare in Medieval Italy: studies in the history of written culture*. New Haven: Yale University Press, 1995. DEROLEZ, Albert. *The Palaeography of Gothic Manuscript Books: From the Twelfth to the Early Sixteenth Century*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

PRASEK, J. V. Marka (ed.). *Pavlova z Benatek Milion*. Edição crítica bilíngue (latim-polonês) da tradução latina do *Millione*, de Marco Polo, elaborada originalmente Francesco Pipino em 1302. Praga: Ceske Akademie Cisare Frantiska, 1902, p. 1.

REICHERT, Folker. *Begegnungen mit China*. Stutgard: Thorbecke Verlag, 1992.

TEIXEIRA, Igor Salomão. *Hagiografia e processo de canonização: a construção do tempo da santidade de Tomás de Aquino*. 2011. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TESTA, Giulio Cesare. “Bozza per un censimento dei manoscritti odoriciani”. In: MELIS, Giorgio (ed.). *Atti del convegno storico Internazionale: Odorico da Pordenone e la Cina*. Pordenone: Storia cultura arte, 1983, pp 117-150.

WYNGAERT. Anastasius van den. *Sinica Franciscana*, vol. I, Firenze: Claras Aquas, 1929.

YULE, Henry; CORDIER, Henri. *Cathay and the Way Thither*. Vol. II. Londres: Hakluyt Society, 1913.

Fontes (com sua recensão e geração)

Besançon, Bersançon 667.G (C9).

Cambridge, Corpus Christi College 275 (A2).

Cambridge, Corpus Christi College 407 (A2).

Firenze, Riccardiana 683 (A6).

Florença, Biblioteca Nazionale Centrale, Con. Soppr, C.7.1170 (A6).

Florença, Biblioteca Nazionale Centrale, II.II.15 (F3).

Florença, Biblioteca Nazionale Centrale, II.II.15 (F3).

Florença, Biblioteca Nazionale Centrale, II.IV.277 (B2).

Florença, Biblioteca Nazionale Centrale, Magliab. VII. 1334 (C1).

Glasgow, Hunter, 84 (C3).

Glasgow, Hunter 458 (C3).

Londres, British Library, Arundel 13 (A2).

Londres, British Library, Arundel 13 (A2).

Londres, British Library, Harley 562 (A2).

Londres, British Library, Royal 14.C.XIII (A2).

Oxford, Bodleian Library, Digby 11 (E).

Oxford, Bodleian Library, Digby 166 (E).

Paris, Bibliothèque nationale de France, fr. 12202 (C9).

Paris, Bibliothèque nationale de France, fr. 1380 (C9).

Paris, Bibliothèque nationale de France, fr. 2810 (C9).

Paris, Bibliothèque nationale de France, lat. 2584 (C3).

Paris, Bibliothèque nationale de France, lat. 2584 (C3).

Paris, Bibliothèque nationale de France, lat. 3195 (C11).

Roma, Angelica, 2212 (A6).

Roma, Casanatense, 276 (C2).

Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Barb. lat. 4047 (A6).

Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Barb. lat. 4048 (A6).

Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Urb. lat. 1013 (A6).

Veneza, Biblioteca Marciana, It. VI. 585 (A6).

¹ De certa forma, toda escrita é um epitáfio, pois no momento em que foi registrada, a visão autoral está morta, mesmo para seu redator. É a leitura que dá vida ao texto, e, como Certeau lembra, cada exame gera uma nova existência às palavras escritas. Em suas palavras, o livro é apenas “um artefato mnemônico de uma leitura que jamais teremos novamente”. CERTEAU, 1988, p. 169.

² Roger Chartier propõe que, além da premissa do significado ser colocado pela interação entre texto e leitor, teóricos da recepção, fenomenólogos e críticos literários da *reader-response* não levam em conta o texto como objeto físico, o material no qual foi escrito o livro ou manuscrito, assumindo em vez disso uma relação direta entre um leitor normalmente anistórico e palavras escritas por um autor (CHARTIER, 1992, p. 52). Robert Darnton propõe cinco maneiras com as quais devemos nos aproximar da história social da leitura. Duas destas formas preocupam-se especificamente com o texto como objeto físico: o estudo da forma do livro e o estudo dos hábitos de leitura dos indivíduos através das *marginalia* e demais paratextos (DARNTON, 1992, p. 218-235).

³ Entendemos “paratexto” como elaborações realizadas por copistas, comentadores, proprietários e leitores dos escritos externas à narrativa do *Relatio*, que se identificam como exteriores ao corpo do texto original (através de *manicularia*, *marginalia*, destaques, marcas de propriedade e diferenças na caligrafia).

⁴ Mantendo a tradição dos estudos sobre Odorico de Pordenone, as referências à sua narrativa serão evocadas como *Relatio*, e suas citações seguirão a organização de capítulos propostas por Henry Yule, reeditadas por Henri Cordier, (e.g.: *Relatio*, cap. 12). Tal escolha se justifica por esta edição dispor de notas de referência a vinte e oito cópias manuscritas da obra produzidas durante a Idade Média, fazendo com que o pesquisador interessado neste texto tenha um horizonte mais amplo ao elaborar seus cotejos e considerações. Sabemos que não se trata da edição mais recente da obra odoricana, bem como temos consciência de suas limitações frente à crítica histórica e literária contemporânea; entretanto, ainda é a edição que reproduz a maior variedade entre os diferentes manuscritos da fonte, sendo também a transcrição mais aceita e referenciada deste documento por quase todos seus pesquisadores.

⁵ Hereges de origem franciscana que pregavam a pobreza extrema e denunciavam os abusos papais. Os *fraticelli* são os hereges retratados no romance (e filme) *O nome da rosa*, de Umberto Eco. Mais detalhes sobre estes religiosos em BURR, David. *Spiritual Franciscans: From Protest to Persecution in the Century After Saint Francis*. Pensilvânia: Pen State Press, 2010, p. 281 e 302.

⁶ Esta pesquisadora numera 180 cópias manuscritas sobreviventes de Pordenone, contra 150 de Polo, sem especificar a fonte ou metodologia de seu levantamento. Cabe ressaltar que sua sondagem desconsidera as 250 reproduções da narrativa de Jean de Mandeville por acreditar que esta narrativa é obra de ficção, delegando mérito majoritariamente extraído das informações de Odorico. Como veremos a seguir, sua contagem de 180 cópias é controversa.

⁷ Fazemos referência aqui às cópias e edições que ressaltam os aspectos sagrados do frade, como *Elogio Storico alle Gesta del Beato Odorico*, assim como as mais hiperbólicas e dotadas de mitos, como a *Libro dele nuove e strane e meraviglose cose*.

⁸ Nos estudos codicológicos, chamamos de “colófon” (ou “colofão”, pl. colofões) uma nota ou símbolo localizado na parte final ou inicial de uma obra que podem indiciar sua proveniência, nome do copista ou impressor, lugar e data de sua elaboração. Atualmente, podemos dizer que as referências bibliográficas presentes na parte posterior da segunda capa de um livro e seu ISBN/ISSN representam o colófon. Alguns pesquisadores consideram também as divisórias dos capítulos e que sinalizam o fim da obra como colófons. Nesta pesquisa, o termo será utilizado para designar as marcas que indicam a propriedade, autoria ou “genealogia” de um determinado manuscrito.

⁹ O que nos é indicado pelos demais autores encadernados no tomo: Ricardus de Sancto Victore, Armandus de Bellovisu, Franciscus de Mayronis, Nicolaus de Lyra, Bruno Signiensis, Humbertus de Romanis e são Jerônimo.

¹⁰ A chamada “mão *mercantesca*” é o principal tipo de caligrafia cursiva informal da Península Itálica no quarto final do século XIV até o XVI, e apresenta-se especialmente em manuscritos em língua vernácula, geralmente encontrando no papel seu aporte físico. A partir do século XV a influência humanista se coloca sobre a mão *mercantesca*, tornando-a híbrida com o gótico formal e sendo paulatinamente substituída. Por sua vez, a “mão *cancelleresca*” representa uma caligrafia mais trabalhada em semi-cursivo, expressa igualmente em uma maioria de documentos vernaculares. Como seu nome evoca, a *cancelleresca* se manifesta majoritariamente em documentos e livros com pretensão de clareza e durabilidade, tendo o pergaminho ou o papel de trapo (a partir do século XV) como seus principais materiais de aporte, sendo comumente elaborada por copistas profissionais. DEROLEZ, 2003, p. 171-172, p. 156-157.

¹¹ Marchisio destaca que esta cópia ignora partes da narrativa de Odorico.

¹² Riccardiana 683 e Marciana, It. VI. 585 (A6).

¹³ Gregorio (Goro) Dati (1362-1436) foi um mercador e escritor florentino, conhecido especialmente entre os historiadores por seus diários, ricos em informações sociais e econômicas de seu meio. Como mercador de seda e pedras preciosas, o florentino tinha grande interesse nas obras sobre a *orbis terrarum*, chegando a compor sua compilação *La Sfera* para organizar sua visão de mundo. Esta obra foi influenciada principalmente por autoridades latinas tradicionais, especialmente a tradução de Ptolomeu por Jacopo de Angelo, onde estabelece certa ligação com as cosmografias de seu tempo (os relatos de viagem não parecem ter nenhum impacto sobre sua produção). O livro teve certo sucesso em sua época, circulando em meios escolásticos e abastados em cópias com mapas de alta qualidade. Obra disponível digitalmente na página da Biblioteca do Congresso dos EUA através do endereço http://lcweb2.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=rbc3&fileName=rbc0001_2003incun77411page.db. Acesso em 24 de março de 2013.

¹⁴ Vaticano, BAV, Barb. lat. 4048 (A6), segundo O'DOHERTY, 2006, p. 103.

¹⁵ Paris, BnF, lat. 2584 (C3).

¹⁶ Casanatense, 276 (C2), segundo MARCHISIO, 2013, p. 45.

¹⁷ Paris, BnF, f. lat. 2584 (C3).

¹⁸ “Ubi nascitur zinziber et ibidem adoratur bos tamquam deus”, fol. 120v.

¹⁹ De forma resumida, o autor elenca as seguintes características para as cópias de uso pessoal: baixa qualidade do aporte, escrita irregular, pouca decoração, anotações frequentemente desconexas do texto apresentado, refletindo opiniões pessoais (“muito caro”, “não vale a pena”, etc.) e ausência de *marginalia* escritural ou por parte de leitores posteriores. PETRUCCI, 1995, p. 183-188.

²⁰ BAV, Barb. lat. 4047 (A6).

²¹ “(...)Ego bartolomeus de luparis de ueneciis hunc librum scripsi” fol. 30v.

²² O *sati* é uma antiga prática do subcontinente indiano que consiste em executar a recém-viúva na mesma pira funerária de seu marido morto. Odorico fala sobre isto no capítulo 17, ao descrever Polubum.

²³ A mortificação de peregrinos é retratada no *Relatio* no capítulo 18, onde Odorico descreve os fiéis de Mobar (Malabar) que seguiam em procissão à cidade com um ferro transpassando seu braço, ou com o pescoço preso por uma pesada tramela de madeira. O suicídio ritual dos “idólatras” é explorado no capítulo seguinte, totalmente dedicado à descrição do culto que presenciou. Descrevendo o ápice da procissão anual que se referiu no capítulo anterior, o frade narra que viu muitos (“mais de quinhentos, todo ano”) se sacrificarem esmagados abaixo da enorme carroça que transportava um ídolo de ouro (“maior que a estátua de São Cristóvão”, lembrando que o padroeiro dos viajantes era normalmente retratado como um gigante). Ainda outros anunciam que desejam “morrer por seu deus”, sendo então guiados “com cinco facas presas ao seu pescoço” ao ídolo. Lá chegando, fazem uma referência e retiram uma das facas, com a qual cortam um pedaço de sua carne e o jogam no rosto da estátua, repetindo este ato até que as facas e a vida dos peregrinos se esgotem. Esta forte passagem é normalmente uma das mais citadas e reaproveitadas em outros escritos que tiraram informações do *Relatio*.

²⁴ Como a famosa versão Paris, BnF, fr. 2810 (C9), disponível no endereço <http://gallica.BnF.fr/ark:/12148/btv1b52000858n/f205.item>, acesso em 02 de fevereiro de 2011. Este tomo normalmente aparece em catálogos, pôsteres e outros *souvenirs* como uma versão iluminada de Marco Polo, mas seu título mostra toda sua abrangência (e ego de seu tradutor): *Marco Polo, Le Livre des merveilles; Odoric de Pordenone, Itinerarium de mirabilibus orientalium Tartarorum, traduit en français par Jean Le Long; Guillaume de Boldensele, Liber de quibusdam ultramarinis partibus et praecipue de Terra sancta, traduit en français par Jean Le Long et Lettres adressées au pape et réponse de Benoît XII, traduit en français par Jean Le Long; De l'estat et du gouvernement du grant Kaan de Cathay, empereur des Tartares, traduit en français par Jean Le Long; Jean de Mandeville, Voyages; Hayton, Fleur des estoires de la terre d'Orient; Riccoldo da Monte di Croce, Liber peregrinationis, traduit en français par Jean Le Long*.

²⁵ O'Doherty não leva em conta em seu levantamento a cópia Glasgow, Hunter 84, mas Marchisio a localiza, e a considera uma das que mais influenciou Yule em sua tradução. MARCHISIO, 2013, p. 46.

²⁶ BnF, lat., 3195 (C11).

²⁷ Obtido no endereço http://special.lib.gla.ac.uk/manuscripts/search/detail_c.cfm?ID=35459 em 22/03/2013.

²⁸ Glasgow, Hunter, 458, fol. 1r. Disponível em: http://special.lib.gla.ac.uk/manuscripts/search/detail_i.cfm?ID=132. Acesso em 03 de maio de 2012.

²⁹ Glasgow, Hunter, 458, fol. 2r-2v. Disponível em: http://special.lib.gla.ac.uk/manuscripts/search/detail_i.cfm?ID=3903 Acesso em 03 de maio de 2012.

³⁰ Infelizmente, tal passagem carece de cópia digital.

³¹ Disponível em http://special.lib.gla.ac.uk/manuscripts/search/detail_i.cfm?ID=171. Acesso em 13 de maio de 2013.

³² Idem.

³³ Transcrição e levantamento codicológico consultados no *Catalogue général des manuscrits des bibliothèques publiques de France*. vol. 32, Paris: Plon, Nourrit & Cie, 1897, pp. 402-404. Disponível em <https://archive.org/stream/cataloguegnr32fran#page/402/mode/2up>. Acesso 09 de dezembro de 2011.

³⁴ Paris, BnF, lat. 5006, disponível em <http://gallica.BnF.fr/ark:/12148/btv1b9076660f>. Acesso em 22 setembro de 2013.

³⁵ Paris, BnF, f. fr. 1380 (C9).

³⁶ Glasgow, Hunter 458 (C3), e Paris, BnF, f. lat. 3195 (C11).

³⁷ É interessante notarmos as diferenças das notas presentes na narrativa de Marco Polo e de Odorico nos mesmos manuscritos. Quando as versões francesas do *Le Livre de Marco Polo* eram anotadas, estes registros faziam paralelos com as obras cosmográficas de sua época. O'DOHERTY, 2006, p. 89-96.

³⁸ "Dicebant deum Adam fecisse nudum et ego me contra velle dei volebam vestire", fol. 21r.

³⁹ Em momento algum ele se vale de algum adjetivo negativo em suas notas, mesmo quando parece reproduzir uma parte do texto.

⁴⁰ "nota falsam rationem", fol. 121r.

⁴¹ "Quare sic facitis vos cum hoc quod facitis sit contra omnem rationem", *Relatio*, cap. 26.

⁴² Londres, BL, Royal 14.C.XIII (A2), que também contém Marco Polo, e sua cópia Cambridge, Corpus Christi College 407 (A3), contendo, um grande apanhado de viagens, com os seguintes títulos (em sua grafia original): Simon Simeonis OFM, *Itinerarium*; Willelmus de Rubruk, *Itinerarium*; Odoricus Pordenone, *Itinerarium*; *Secretum secretorum*.

⁴³ Bodl. Lib, Digby 11 (E).

⁴⁴ Bodl. Lib, Digby 166 (E).

⁴⁵ Entendemos "paratexto escriturário" como elaborações realizadas pelos copistas dos escritos externas à narrativa do *Relatio*, que se identificam como exteriores ao corpo do texto original (através de *manicularia*, *marginalia*, e diferenças na caligrafia).

⁴⁶ Londres, BL, Arundel 13 (A2), fol. 43r. De acordo com o estudo codicológico da British Library que acompanha a versão digital do texto, as anotações presentes neste são do século XV.

⁴⁷ Cambridge, Corpus Christi College, 275 e Cambridge, Corpus Christi College, 407.

⁴⁸ Harley 562 (A2).

⁴⁹ Cambridge, Corpus Christi College 275 (A2).

⁵⁰ Londres, BL, Arundel 13 (A2).

⁵¹ Oxford, Bodl. Lib, Digby 11 (E) e Oxford, Bodl. Lib, Digby 166 (E).

⁵² Londres, BL, Arundel 13 (A2). A sessão devotada ao do julgamento dos mártires é indexada de várias formas, com uma caligrafia mais cuidadosa (fols. 39v-42v), e parece prestar especial atenção à contagem dos milagres ocorridos. "Miraculum", "aliud miraculum" e "tertium miraculum" nos indicam que estes fenômenos foram acompanhados de perto, juntamente com a relação dos milagres ocorridos após a morte dos frades (fol. 42f).

⁵³ As observações neste sentido são especialmente comuns em Cambridge, CCC 407 (A2); Londres, BL, Arundel 13 (A2); Oxford, Bodl. Lib., Digby 11 (E); e especialmente Oxford, Bodl. Lib., Digby 166 (E).

⁵⁴ Oxford, Bodl. Lib., Digby 11 (E) e Oxford, Bodl. Lib., Digby 166(E)

⁵⁵ Oxford, Bodl. Lib, Digby 11 (E), fols.45f-48v; Oxford, Bodl.Lib, Digby 166, fols. 36v-39r.

⁵⁶ "Quomodo mulieres positae sunt in communi" Bodl. Lib, Digby 11, fol. 50r; "omnia communia" Oxford, Bodl. Lib, Digby 166, fol. 39v.

⁵⁷ "Consuetudinem pessimam", *Relatio*, cap. 17.

⁵⁸ "mirabile consuetudo", fol. 39r.

⁵⁹ "De modo adorandi ydolum", fol. 39v.

⁶⁰ "Benevolentia regis", fol. 40v. A mesma nota foi reproduzida na *Sinica Franciscana*, vol. I, p. 454.

⁶¹ Este tomo possui um texto digno de nota, externo à narrativa de Odorico. Nele, está copiada uma sessão atribuída a Walter Map que narra uma série de acontecimentos locais quase em tom de fofoca e várias lendas locais, que Marchisio (2013, p. 304) erroneamente identifica como a única cópia sobrevivente – existem várias, e esta sequer está completa. Uma das lendas registradas nos chamou a atenção: ela fala de um "homem cruel" em Hereford que se levantou dos mortos e andou pelas ruas gritando o nome daqueles que morreriam adoentados em três dias. Procurado pelos amaldiçoados, o bispo da cidade, Gilbert Foliot, ordenou que o homem fosse desenterrado, decapitado com a pá, aspergido de água benta e enterrado novamente. Esta

passagem está danificada no manuscrito, mas há outra cópia em Bodley 851 que permite a leitura da passagem, chamada *De quodam prodigium*, na obra *De nugis curialium*, livro dois, cap. 27.

Há uma transcrição do livro no endereço <https://archive.org/stream/waltermapdenugis00mapwuoft#page/n141/mode/2up> (acesso em 25 de dezembro de 2013 – link para a página específica da passagem destacada) para os interessados nas criaturas monstruosas da Idade Média. Caciola Nancy considera esta passagem como um dos mitos fundadores do vampiro moderno (NANCY, 1996). Os capítulos 10 e 11 da mesma obra também oferecem excelentes exemplos da permeabilidade da mitologia celta e teutônica na cultura baixo-medieval, como, por exemplo, homens que casaram com ninfas. Esta curiosidade atesta com ainda mais força a baixa ou inexistente circulação de Odorico entre nobres ingleses, pois fora encadernada no mesmo volume Digby 166, uma obra cujo título traduzido livremente seria "As Frivolidades dos Nobres", portanto, sendo difícil que a elite nobiliárquica aprovasse um livro com um título semelhante.

⁶² O *Relatio* aparece sob o título *Relatio de mirabilibus orientalium Tatarorum* (ff..38v-51).

⁶³ “nota quod vir non te[net]ur mori cum uxore”: fol. 42v.

⁶⁴ “ut pro anima sua orent”, fol. 45r; este comentário é reproduzido na *Sinica Franciscana*, vol. I, cap. 17, p. 454.

⁶⁵ “(...) quomodo peregrinantur ad istud ydolurn et quam penam sustinent in peregrinacione”, fol. 43r.

⁶⁶ “Nota quomodo stultus populus ponit se sub curro in quo ducitur istud ydolum et sic fatue gratis moriuntur” f. 43r.

Artigo recebido em 18/12/2015. Aprovado em 08/02/2016.